

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - *CAMPUS* FLORESTAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

TAYNNARA OLIVEIRA CUNHA

**A INFLUÊNCIA DOS PADRÕES ESTÉTICOS CORPORAIS NO
COMPORTAMENTO DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE
FLORESTAL – MG DURANTE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELATO DE
UMA ESTAGIÁRIA**

FLORESTAL – MINAS GERAIS

2022

TAYNNARA OLIVEIRA CUNHA

**A INFLUÊNCIA DOS PADRÕES ESTÉTICOS CORPORAIS NO
COMPORTAMENTO DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE
FLORESTAL – MG DURANTE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELATO DE
UMA ESTAGIÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Viçosa UFV – *Campus* Florestal,
como requisito para obtenção do título de licenciada em
Educação Física.

Orientadora: Marcília de Sousa Silva

FLORESTAL – MINAS GERAIS

2022



Ministério da Educação
Universidade Federal de Viçosa
Campus Florestal-Instituto de Ciências
Biológicas e da Saúde
Licenciatura em Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

A INFLUÊNCIA DOS PADRÕES ESTÉTICOS CORPORAIS NO COMPORTAMENTO
DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE FLORESTAL – MG
DURANTE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELATO DE UMA ESTAGIÁRIA

TAYNNARA OLIVEIRA CUNHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no dia 17 de dezembro de 2022, como defesa no
XIX SEMINÁRIO DE DEFESA DE TCC. A candidata foi arguido pela Banca Examinadora
composta pelos professores abaixo assinados.

Marcília de Sousa Silva
Prof.(a) Orientador(a)

Neilton de Sousa Ferreira Júnior
Coordenador da Disciplina EFF497
Trabalho de Conclusão de Curso

Thiago Mendonça
Membro titular

RESUMO

O corpo e sua construção histórica denota grande importância como objeto de estudo dentro da Educação Física. A sua importância se baseia na possibilidade de através do entendimento do corpo em um contexto sociocultural, perceber influências que podem corroborar para desfechos não satisfatórios dentro da Educação Física Escolar relacionadas a uma busca incessante por um corpo “perfeito” e dentro dos padrões estéticos corporais vigentes a fim de um pertencimento e aceitação corporal pela sociedade. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi identificar e analisar as relações entre esses padrões estéticos corporais e o comportamento de escolares da rede pública de ensino nas aulas de Educação Física através da metodologia de análise bibliográfica, somada ao exercício de rememoração por meio do relato de experiência durante os Estágios Obrigatórios. Sob esta ótica, obteve-se como conclusão a influência direta desses padrões no comportamento dos estudantes e a consequente necessidade de modificação do contexto das aulas em busca de uma realidade mais abrangente, que entenda a Educação Física como mais do que estritamente biológica, mas sim campo de atuação da sociedade e da cultura e, portanto, local de criação de indivíduos pensantes e críticos.

Palavras-chaves: Corpo; Sociedade; Cultura; Padrões estéticos; Educação Física

ABSTRACT

The body and its historical construction denote great importance as an object of study within Physical Education. Its importance is based on the possibility, through understanding the body in a sociocultural context, to perceive influences that can corroborate for non-progressive consequences within School Physical Education related to an incessant search for a “perfect” body and within the current body aesthetic standards. In order to belong and accept the body by society. Thus, the objective of this study was to identify and analyze the relationships between these body aesthetic standards and the behavior of public school students in Physical Education classes through the methodology of bibliographical analysis, added to the exercise of remembrance through the report of experience during the Mandatory Internships. From this perspective, it was possible to conclude the direct influence of these patterns on the students' behavior and the consequent need to modify the context of the classes in search of a more comprehensive reality, which understands Physical Education as more than biological culture, but field of action of society and culture and, therefore, a place for the creation of thinking and critical individuals.

Keywords: Body; Society; Culture; Aesthetic standards; Physical Education

LISTA DE ABREVIATURAS

EF	Educação Física
----	-----------------

SUMÁRIO

<u>1 RECONHECENDO A TEMÁTICA</u>	5
<u>1.1 OBJETIVOS</u>	6
1.1.1 <u>Objetivo geral:</u>	6
1.1.2 <u>Objetivos específicos:</u>	6
<u>2 DINÂMICAS SÓCIO-CULTURAIS E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DO CORPO</u>	7
<u>2.1 RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA X CORPO</u>	11
<u>3 METODOLOGIA</u>	15
<u>3.1 ABORDAGEM</u> 15	
<u>3.2 ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS</u>	15
<u>3.3 CENÁRIOS DAS AULAS</u>	16
<u>4 RELATANDO OS FATOS SOB O OLHAR DA ESTAGIÁRIA</u>	17
<u>5 DISCUSSÃO</u>	19
<u>6 CONCLUSÃO</u>	20
<u>7 REFERÊNCIAS</u>	22

1 RECONHECENDO A TEMÁTICA

Os padrões estéticos corporais baseados na busca de um ideal de corpo perfeito, pautado em uma ideia eurocentrada, obtiveram crescimento exponencial ao final do século XX e início do século XXI (GOLDENBERG, 2005). No Brasil, esse crescimento na atualidade traz como característica principal a necessidade do indivíduo de pertencer a um grupo, nesse caso, a de um grupo com características bem aceitas socialmente.

Pensando nessa situação, a Educação Física, como objeto de ensino que lida com o trato do corpo e consequentemente com as aspirações dos indivíduos, enfrenta essa subjetividade diretamente influenciada pelo ideal social e por essa necessidade de aceitação. Assim, os padrões estéticos corporais podem impactar significativamente as aulas de Educação Física dentro do contexto escolar. Nesse sentido, as questões que norteiam esse estudo são: A não participação nas aulas de Educação Física é impactada por influências de padrões estéticos corporais? O imaginário social do corpo perfeito influencia nas apropriações nas aulas no contexto escolar?

Analisando tal proximidade entre a Educação Física, o trato do corpo dentro do ambiente escolar e a influência dos padrões estéticos corporais nos comportamentos de estudantes da rede pública, se torna explícita a importância de entender esse contexto em busca de modificar esse cenário e suas possíveis problemáticas.

Além disso, essa temática de investigação é relevante na medida em que discussões sobre corpos, corporeidades e estéticas se fazem presente nos diversos campos de construção de conhecimento. No caso da Educação Física escolar a invisibilidade das diferenças pode contribuir para que padrões estéticos sejam inibidores da participação nas práticas corporais.

Considerando toda a problemática, busca-se entender a influência da sociedade no comportamento dos escolares durante as aulas de Educação Física e compreender quais modificações são necessárias em busca de um caminho saudável entre a busca pela aceitação e a liberdade de ser quem é dentro do espaço escolar.

Nesta ótica, entendo que em minha vivência na graduação de Educação Física, diversas foram as oportunidades que me fizeram indagar essa situação através das minhas experiências. Deste modo, ainda em 2019, ano em que ingressei no curso de Licenciatura em

Educação Física, mesmo que de forma muito iniciante na arte de ser professora, já conseguia entender e perceber que algo afetava a participação nas aulas por aqueles estudantes que fugiam desse padrão estético corporal vigente e reconhecido como aceitável. Da mesma forma, nos estágios obrigatórios, cumpridos durante o ano de 2022 e regulamentado pela Lei N°11.788, de 25 de Setembro de 2008 essa sensação só ganhou maior ênfase e necessidade de significação dessa realidade. Estágios estes definidos como:

Ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

Baseando-se nessa imersão no período de estágios, realizadas durante dois períodos de vivências divididas em três momentos diferentes, estes de: observação de aulas, coparticipação nas aulas e regência de aulas, pude entender que essas situações eram cada vez mais perceptíveis e impactavam diretamente na forma e no comportamento dos escolares durante suas aulas de educação física. Isso posto, surge em mim a indagação de qual o papel da educação física dentro dessa realidade e porquanto, a justificativa para o presente estudo.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral:

- Identificar e analisar as relações entre a influência dos padrões estéticos corporais criados socialmente e o comportamento e participação dos estudantes nas aulas de Educação Física de redes públicas de ensino na cidade de Florestal/MG.

1.1.2 Objetivos específicos:

- Observar e identificar o comportamento de estudantes nas aulas de Educação Física;
- Descrever por meio do olhar da estagiária observadora possíveis influências da estética de corpos perfeitos a partir do imaginário social;
- Entender possíveis influências externas na relação entre corpo e a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física.

2 DINÂMICAS SÓCIO-CULTURAIS E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DO CORPO

O período pós modernidade trouxe consequências e reflexões acerca de muitos temas e em muitos âmbitos. Dentro desse contexto, o corpo como objeto de contato com o mundo recebe maior notoriedade e, conseqüentemente, necessidade de significação. Falar de corpo é se embrenhar na cultura e nas condições sociais do sujeito. Entretanto, nem sempre foi assim.

A construção do imaginário do corpo, do que o constitui e quais são suas atribuições corretas é objeto de estudo e de interesse no campo da sociologia há muitos anos. Entretanto, apesar de tamanha importância da temática, esse empenho em se definir algo pode trazer divergências de significados. Basicamente, essas definições relacionadas ao corpo seguiam duas lógicas pautadas em diferentes conceitos. A primeira, conceituada e descrita por Le Breton (2007), em seu livro intitulado “A Sociologia do Corpo”, trazia como referência principal as Ciências Naturais. Assim, definia o ser humano como puramente biológico e se referia a ele como fruto de sua genética, apenas. Já a segunda, também referenciada por ele, pensava o corpo como uma totalidade de corpo biológico, mente, sociedade e cultura.

Na primeira, por pensar no corpo na sua forma mais simplista, muitas questões sociais problemáticas como o racismo nascem, já que para essa linha de definição o corpo como puramente biológico pode imprimir em si características menos ou mais valorizadas, a depender de suas condições físicas. Basicamente, como define Le Breton:

A história individual, a cultura, a diferença são neutralizadas, apagadas, em prol do imaginado corpo coletivo, subsumido sob o nome de raça. O processo de discriminação repousa no exercício preguiçoso da classificação: só dá atenção aos traços facilmente identificáveis (ao menos a seu ver) e impõe uma versão reificada do corpo (LE BRETON, 2007, p.72).

De forma completamente oposta, na segunda, o corpo é pensado como fruto da sociedade que o rodeia, e, portanto, se comporta como algo além do puramente biológico. O corpo e sua forma é nada mais que uma falsa evidência do biológico, mas consequência de uma relação do corpo com o meio social e cultural (LE BRETON, 2007).

Laplangine, em 2003, define meio social como:

O social é a totalidade das relações (relações de produção, de exploração, de dominação. . .) que os grupos mantêm entre si dentro de um mesmo conjunto (etnia, região, nação. . .) e para com outros conjuntos, também hierarquizados. A cultura por sua vez não é nada mais que o próprio social, mas considerado dessa vez sob o ângulo dos caracteres distintivos que apresentam os comportamentos individuais dos membros desse grupo, bem como suas produções originais (artesanais, artísticas, religiosas. . .) (LAPLANTINE, 2003, p. 95).

Dessa forma, o corpo é “moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (LE BRETON, 2007, p. 7).

Assim, para Daólio (1995) entender o corpo no âmbito coletivo é pensar no homem como um ser cultural e social, ocupando espaços de fruto e agente da cultura, e, portanto, consequência e ingrediente para o seu desenvolvimento

Essa segunda concepção do corpo, e consequentemente do imaginário do que o compõe traz aspectos importantes, já que pensar na cultura e na sua subjetividade é pensar na influência que esta tem sobre o indivíduo. Assim, essa cultura é imprimida na forma de educar aquele indivíduo e da assimilação dos comportamentos de seu ciclo social como forma de caracterização de sua socialização, durante toda a sua vida (LE BRETON, 2007). Entretanto, de uma sociedade para outra, a depender da forma como a cultura é manifestada, haverá variabilidade, e é justamente por ela que a humanidade se torna tão plural no quesito especificidade cultural (LAPLANTINE, 2003).

Essa variabilidade, expressa de diferentes formas em diferentes contextos, traz no período próximo ao da modernidade, grande crescimento de um ideal de corpo marcado por um novo imaginário de luxúria. Logo, ainda segundo Le Breton (2007) há a crescente nessa época de uma modificação na visão do corpo, de forma que exista uma busca incansável por novas legitimidades buscando no corpo a “marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros” (LE BRETON, 2007, p. 10).

Apesar da diferenciação em duas vertentes, citada no início, em busca da quebra com o ideal de corpo puramente biológico, ainda assim o homem é julgado por suas características, pautado na ideia de pertencimento social.

O corpo, por ser socialmente construído, recebe alguns dogmas e crenças, influenciados diretamente pelo meio em que vive. Assim, são sistematizadamente infligidas ao corpo marcas sociais, geralmente físicas através de remoção, deformação ou acréscimo de algo, como a maquiagem e as tatuagens, por exemplo ou até mesmo processos de emagrecimento ou engorda do corpo. (LE BRETON, 2007).

Esse processo nada mais é que uma forma, muito eficiente, de controle do corpo, através dessa aceitação, modificação e embelezamento corporal. Dessa forma, como explicitado por Le Breton:

Essas marcas corporais preenchem funções diferentes em cada sociedade. Instrumentos de sedução, elas são ainda com maior frequência um modo ritual de afiliação ou de separação. Elas integram simbolicamente o homem no interior da

comunidade, do clã, separando-o dos homens de outras comunidades ou de outros clãs e ao mesmo tempo da natureza que o cerca (LE BRETON, 2007, p. 59-60).

Basicamente, como definido por Mary Douglas (1973 apud LE BRETON, 2007, p. 70) o corpo:

É o modelo por excelência de qualquer sistema finito. Seus limites podem representar as fronteiras ameaçadas ou precárias. Como o corpo tem uma estrutura complexa, as funções das diferentes partes e as relações entre elas podem servir como símbolos a outras estruturas complexas. [...] o corpo humano reproduz em escala reduzida os poderes e os perigos que se atribui à estrutura social (LE BRETON, 2007, p. 70)

Dessa forma, “O corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo. No interior do corpo são as possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem” (LE BRETON, 2007, p. 70) e, portanto, o corpo tem-se papel de valor social. Esse valor, como explicitado, tem a ver com as tendências sociais e, portanto, recebem diferenciações que lhe são atribuídas. Nesse contexto, em determinada sociedade pode existir diferenciações entre os sexos, por exemplo, infligindo menor valor a um deles (LE BRETON, 2007, p. 68): “As qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais, mas são inerentes à significação social que lhes damos e às normas de comportamento implicadas” Aludindo a essa temática, é perceptível que na sociedade moderna, esses valores e funções estão sempre presentes.

Essa diferença existente naturalmente é “socialmente transformada em estigma, a diferença gera a contestação. O espelho do outro é incapaz de explicar o próprio espelho” (LE BRETON, 2007, p. 75). Em suma, a aparência corporal se torna a forma de se apresentar ao outro, e por consequência ser aceito social e culturalmente. Como elucidado por Le Breton:

São esses os traços dispersos da aparência, que podem facilmente se metamorfosear em vários indícios, dispostos com o propósito de orientar o olhar do outro ou para ser classificado, à revelia, numa categoria moral ou social particular. Essa prática da aparência, na medida em que se expõe à avaliação de testemunhas, se transforma em engajamento social[...] (LE BRETON, 2007, p. 77).

Assim, coloca sobre o corpo através da inserção desses estereótipos como verdade a marca de “significante de status social” e, portanto, valorização do mesmo e forma sutil de controlá-lo. Isto posto, ainda para o autor:

A ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral conforme o aspecto ou o detalhe da vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça (LE BRETON, 2007, p. 78)

Além de toda essa caracterização como verdade, para Rodrigues (1986 apud LE BRETON, 2007, p. 38-39) toda sociedade elege pontos, ou atributos que configuram a forma correta que o homem deve ser. Esses atributos, pensando em nações originariamente colonizadas por países europeus, como o Brasil, trazem como referência o ideal eurocêntrico de padrão. Esse padrão, geralmente, se baseia no ideal europeu de povos civilizados. Essa teoria da civilização, com visão prevalentemente etnocêntrica, se referia aos não-europeus da América, da Ásia e da África como seres não civilizados e consequentemente selvagens. A diferença era pensada como inferioridade (MORGAN, 1946 Apud DAÓLIO, 1995). Essa caracterização, contudo, baseada nas diferenças físicas das pessoas tendem a imprimir no sujeito a vontade de busca de uma aparência similar. Assim, para Gonçalves e Azevedo:

Essa semelhança não significa igualdade. Pelo contrário, imputa ao ostracismo àqueles que, as qualidades despertam vergonha e assim, são negadas, escondidas e camufladas, principalmente pelos negros que se sentem distantes desse modelo, e para tal proximidade muitas vezes renegam sua etnia. Assim, moldam-se os corpos de forma que a peça no “quebra-cabeça social” se encaixe perfeitamente, pois se forem diferentes não servirão adequadamente para a rede que constitui a sociedade (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 208)

Dessa mesma forma, a deficiência se constitui como marcador social de inferioridade, construído como um estigma, caracterizando-a de uma forma negativa apenas pela sua forma. Fala-se do ser como deficiente e não de se apenas ter uma deficiência. Para Goffman (1961 apud LE BRETON, 2007, p. 74)

Pedimos ao indivíduo estigmatizado, de negar o peso de seu fardo e de nunca fazer com que acredite que, ao carregá-lo, torna-se diferente de nós; ao mesmo tempo, exigimos que se mantenha a distância para que possamos manter a imagem que dele fazemos. Em outras palavras, sugerimos que aceite sua condição e que nos aceite, como forma de agradecimento pela tolerância natural que nunca realmente lhe concedemos. Assim, a aceitação imaginária está na origem da normalidade imaginária (LE BRETON, 2007, p. 74)

Ainda assim, com toda a quebra de ideias dessa época, e uma revolução do olhar através da descentralização do mundo (LAPLANTINE, 2003), esses ideais ainda perduram.

Em síntese, é notável que existem padrões inseridos na sociedade, e, portanto, deve-se entender quais são esses padrões vigentes atualmente.

Dessa forma, como supracitado, no mundo pós modernidade, pensar no corpo é pensar em um corpo moldado pela sociedade e cultura em busca de um ideal comum, este definido pelos padrões estéticos vigentes. Assim:

O corpo não é um dado inequívoco, mas efeito de uma elaboração social e cultural, onde as sociedades escolhem determinados atributos nos quais ele deve estar enquadrado para que possa ser considerado “bonito” ou adequado, submetendo-o à educação e a diversas medidas estéticas, físicas e até cirúrgicas para se adaptar ao padrão (CASTRO *et al.*, 2016, p. 804).

Esse, de forma sucinta, se torna normatizado e segundo Lipovetsky & Serroy (2011, Apud Castro *et al.*, 2016, p. 805) “o mesmo modelo de beleza é difundido globalmente pela publicidade, pela moda e pelas marcas de cosméticos”, sendo assim solidificado através da mídia e tornando-se de difícil modificação ao decorrer do tempo. (CASTRO *et al.*, 2016).

Dessa forma, esses meios de comunicação contribuem diretamente para a estigmatização e há preconceito com quem se diverge dessa padronização (FLOR, 2009 apud SOUSA, 2021). Para Sousa:

Pessoas consideradas socialmente “bonitas” são supervalorizadas, enaltecidas, já as pessoas consideradas socitariamente “feias”, como gordos(as), velhos(as) e negros(as), são muitas vezes excluídos(as). Além disso, também é muito enfatizado que cuidar do corpo é algo essencial para ser feliz e saudável (SOUSA, 2021, p. 1).

Em suma, há a supervalorização daqueles que ao se colocarem como objetos da sociedade e participantes de um ideal comum de corpo, se inibem e renegam sua subjetividade.

2.1 Relação entre educação física x corpo

A Educação Física em seu contexto histórico como categoria escolar, sofreu diversas influências e se baseou nos cenários sociais vigentes, sempre influenciada pela época em que é analisada. Deste modo, a Educação Física no Brasil, segundo Filho (1988) desde meados do século XIX foi “entendida como elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo ‘forte’ e ‘saudável’” (FILHO, 1988, p. 39). Isso, de forma geral, vinha da influência do momento pelo qual o país passava que se baseava em ideais higienistas e de saúde, infligidos por militares e médicos.

Posteriormente a isso, a Educação Física passa a sofrer influências do esporte e sua consequente incorporação no ambiente escolar. Dessa forma, as escolas viram berço da esportivização e da tentativa de aumento do número de praticantes de esportes de alto rendimento. Entretanto, mesmo com esse ideal, não há crescimento exponencial nessa área, e por isso toda a trajetória da EF escolar começa a ser repensada. É neste momento, que a EF começa a se reinventar através de novas formas de ensino. Assim, passa a ser pensada não apenas baseando-se em seus aspectos biológicos e fisiológicos, mas também em sua dimensão cultural, social, política e afetiva. Em suma, a EF precisa ser entendida como objeto de trabalho com a possibilidade de pensar no ser em sua totalidade, buscando seu desenvolvimento integral através dessas dimensões (LIMA, 2012)

É pautado nesse discurso que nasce o entendimento da saúde, de acordo com a Organização Mundial da Saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. Assim, entender a saúde vai além do contexto biológico e sim perpassa por questões políticas, culturais, de qualidade de vida, crenças, valores, deveres do ser humano, além de suas relações construídas no meio em que vive (BVSMS, 2022).

Assim sendo, para Foucault, em 1979, “o discurso das ciências da saúde tem um grande papel na forma como enxergamos os corpos” e a Educação Física como integrante dessa área da saúde e como conteúdo escolar deve tratar essas implicações sociais sobre o corpo, assim como a influência cultural sob o mesmo. (MALDONADO, 2009).

Para além disso, segundo Gonçalves e Azevedo (2008) a Escola como instituição de ensino e de relações sociais se torna berço desses discursos relacionados às pautas do corpo, e a Educação Física, ao não poder ignorar as influências que a norteiam, como a mídia e sua consequente resposta no âmbito do ensino, torna possível esse fornecimento de informações aos alunos, de forma que “[...] caberá à disciplina manter um permanente diálogo crítico sobre a mídia, trazendo esse tema para reflexão dentro do contexto escolar”. (BRASIL, 2000, p. 198). Assim, a Educação Física deve contemplar em seu conteúdo, segundo Verenguer (1995, p.73 apud MALDONADO, 2009, p. 59) “discussões sobre a atividade motora e seus estereótipos, os estigmas corporais, a produção simbólica do corpo, a dualidade mente/corpo, a imposição da técnica de movimento”.

Como já explicitado, essas situações são infligidas como forma de controle social e se utilizam da mídia para propagar suas ideias normalizadoras. Em suma, essas normas corporais são transmitidas de forma que se normalize que aquelas imagens divulgadas sejam tidas como verdades e unicamente aceitáveis. Dessa forma, em um país tão grande e plural como o Brasil, se basear em um padrão comum para todos é, no mínimo, preconceituoso:

Especialmente no Brasil onde a diversidade é uma característica marcante, a mídia no geral, acaba por mostrar seu desprezo pela riqueza de tipos, de raças, pela própria mestiçagem, insistindo num padrão único de beleza tanto para mulheres quanto para homens. ” (MALDONADO, 2009, p. 60)

Deste modo, Maldonado (2009) exemplifica que é fundamental que a Educação Física discuta esses padrões em sala de aula, além das influências externas sobre a temática, de forma que permita a reflexão sobre o assunto, já que é através dele que estigmas podem nascer. Aludindo ao termo, Castro *et al.*, traz que:

O estigma diz respeito a uma espécie de marca de valor negativo entranhada numa diferença socialmente construída. O processo de estigmatização se instala na

expectativa dos atores que vivenciam dadas relações sociais – ou seja, a gordura corporal não é per si boa ou má, mas o olhar estabelecido pelos atores em relação é que imprime ao gordo a marca do indesejável e repugnante (CASTRO *et al.*, 2016, p. 809).

Pensar nesse padrão corporal “ideal” impacta a autoimagem do sujeito de forma negativa, que inicia um processo de busca por um corpo diferente, fora de sua realidade, de acordo com Maldonado (2009). Assim, ainda para a autora:

Manter esse corpo sempre adequado socialmente nos revela que, ao contrário dessa suposta liberdade de escolha, o que temos é um sinal de submissão do corpo aos padrões veiculados na mídia e reproduzidos pela sociedade ocidental contemporânea. Ainda, ao buscar a construção de um corpo mais adequado aos ideais estéticos hegemônicos ligados à adoração física vigente em nossa sociedade, acabamos por construir também uma ética singular diretamente radicada na estética (MALDONADO, 2009, p. 814)

Assim, dentro de ambientes de convívio social, e portanto, de pluralidade de corpos e saberes, as pessoas vivem de forma diferente da sua vontade, em busca de constante aprovação. O corpo precisa se padronizar e se comportar de forma específica para ser aceito socialmente (RUSSO, 2005). Dessa forma, a fim de: “[...] ‘homogeneizar’ proveniente da ordem social e incorporado em nós sob a forma de valores e ideais, tende a abafar fragmentos originais de nossos sentidos” (TAVARES, 2003, p.17)

Dessa forma, pensar na Educação Física é pensar em todas essas questões expostas frente ao corpo e além disso, é também pensar no professor, já que segundo Daólio (1995) os professores, como seres sociais incluídos culturalmente no mundo, possuem um imaginário próprio sobre questões como o corpo, a sua profissão e a atividade física. Basicamente, “O que os professores fazem é importante e significativo, mas também é a forma como eles justificam, explicam e procuram sentido naquilo que fazem” (DAÓLIO, 1995, p.16). Isso somado ao fato de que a infância é um momento de grande absolvição da cultura e do meio em que se vive e “a adolescência é um período de passagem para a fase adulta, caracterizando-se pelas mudanças e adaptações das capacidades no âmbito produtivo e reprodutivo” (OSÓRIO, 1992 Apud CONTI, 2008, p. 241) pode incorrer nesses grupos a “adoção de diversas atitudes negativas em relação à insatisfação corporal, incluindo a exclusão de certas roupas, abster-se de ir à praia ou à piscina evitando maiôs, ter vergonha de seu corpo” (RUSSO, 2005, p. 85), fato encontrado em sua pesquisa com estudantes. Dessa forma, como explicitado por Fontanella (2005 apud FLOR, 2009, p. 271) “na cultura de consumo baseado nesses estereótipos o corpo serve como ferramenta de exclusão” (FLOR, 2009, p. 271), e quem se desvia desses padrões é levado a situações de constrangimento, havendo cada vez menos tolerância com as diferenças. (MALDONADO, 2009) e a Educação

Física ao trabalhar diretamente com o corpo e, consequentemente, com a cultura do aluno sofre consequências dessa situação. (DAOLIO, 1995)

Sob essa égide, ainda que como supracitado existe a tendência de mudança nesse cenário, é importante pensar que a Educação Física pode caminhar por uma ótica reforçadora desses estereótipos, justamente por sua caminhada frente à temática do que é ou não saudável, fato ligado geralmente a forma como o corpo se apresenta. Assim, esse imaginário social criado neste espaço pode ser fator importante no contexto escolar e consequentemente na forma como esse estudante se apresentará em aula.

Em suma, em busca de redirecionar esse cenário, um professor que entenda que a Educação Física permeia por questões socioculturais através do corpo terá maiores condições de desempenhar um trabalho satisfatório, pensando nas diferenças não como inferioridade, justificando preconceitos, mas sim pela ótica da alteridade afirmando o direito dos alunos de serem diferentes e serem respeitados por isso e esquecendo-se um pouco do padrão biológico muito comum ainda na área, permitindo que a Educação Física escolar respeite essas diferenças físicas ou culturais dos alunos e ainda assim propicie o direito de todos a sua prática de qualidade e respeito. (DAÓLIO, 1995).

3 METODOLOGIA

3.1 Abordagem

Este trabalho tem como abordagem metodológica uma análise qualitativa, utilizando do método de pesquisa bibliográfica somado ao exercício de fruto de memórias de uma experiência da observadora dentro do estágio obrigatório sob a ótica do relato de experiência.

A pesquisa bibliográfica aqui descrita será utilizada como aporte teórico para as discussões em relação a construção do imaginário do corpo e tem como descritores de pesquisa os termos corpo e sociedade, educação física e padrões estéticos corporais. O levantamento de conteúdos e informações bibliográficas utilizou como acervo os portais Google Acadêmico, Scielo, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, Docero Brasil e Moodle da USP.

A pesquisa bibliográfica se deu pela busca de documentos contendo informações sobre a construção do imaginário corporal e suas influências culturais e sociais na sua formação. E o estudo se caracteriza pelo exercício de rememoração, ou seja, “ação ou efeito de lembrar novamente, de avivar uma lembrança” (REMEMORAÇÃO, 2022)_neste caso, das experiências vividas e descritas, por meio do instrumento caderno de campo, com informações e descrições dos acontecimentos dentro dos Estágios Obrigatórios.

3.2 Estágios Obrigatórios

Sendo assim, este trabalho é fruto de memórias de uma experiência de aulas realizadas durante os Estágios Supervisionados, disciplinas obrigatórias do Curso de Licenciatura em Educação Física, desempenhadas entre Fevereiro e Agosto de 2022 em escolas públicas na cidade de Florestal/ MG. Essas disciplinas tinham por objetivo propiciar aos discentes do curso de EF a vivência de três diferentes perspectivas dentro do contexto regular de ensino:

- a) Período de observação das aulas, onde apenas observava os profissionais aplicarem suas aulas;
- b) - Período de coparticipação nas aulas, onde colaborava com os professores nas montagens de atividades e demais necessidades;
- c) - Período de regência, onde planejava as aulas e aplicava para os alunos, com colaboração mínima dos profissionais.

Deste modo, em busca de entender as vivências presenciadas durante esses momentos na escola e aqui descritas, procurei interpretar e caminhar através da observação das experiências de aparente constrangimento dos estudantes em relação ao que aqui pretendo esmiuçar como “circuito de representação de padrões corporais” dentro das aulas de Educação Física. Essas experiências me fizeram buscar nas referências bibliográficas sobre a relação corpo e sociedade, quais dinâmicas socioculturais estão em funcionamento e como elas interferem nas aulas de Educação Física, dificultando o processo de busca de alteridade e consequentemente desconstrução de estigmas e estereótipos dentro das aulas.

Em suma, busca-se que através das palavras da observadora, se tenha acesso as percepções ali vividas, dando continuidade entre presente e passado. Se baseando em lições da etnometodologia, que visa segundo Lima *et al.* “descobrir a maneira de viver e as experiências das pessoas - a sua visão do mundo, os sentimentos, ritos, padrões, significados, atitudes, comportamentos e ações. Esta perspectiva permite apreender o fenômeno humano na sua totalidade” (LIMA *et al.*, 1996, p. 27).

3.3 Cenários das aulas

As aulas aqui explicitadas como objeto de observação permearam por dois cenários distintos, sendo o primeiro: Aulas para crianças do Ensino Fundamental I, na faixa etária de aproximadamente 7 a 11 anos de idade, abrangendo duas turmas de 1º ano, duas turmas de 2º ano, duas turmas de 3º ano, duas turmas de 4º ano e duas turmas de 5º ano. Todas as turmas tinham como professora a mesma profissional, licenciada em Educação Física.

As aulas tinham duração de 50 minutos, mas devido ao tempo de deslocamento até a quadra apenas 40 minutos de aula eram aproveitados. Além disso, as turmas eram mescladas, contendo meninas e meninos e a temática trabalhada girava em torno de Jogos e Brincadeiras, com participação obrigatória pelos alunos.

E o segundo cenário: Aulas para jovens do Ensino Médio, na faixa etária de aproximadamente 15 a 17 anos, abrangendo quatro turmas de 1º ano, três turmas de 2º ano e cinco turmas de 3º ano. Todas as turmas também tinham como professor o mesmo profissional, licenciado em Educação Física.

As aulas tinham duração de 45 minutos, mas devido ao espaço utilizado e ao tempo de deslocamento dos estudantes, apenas 40 minutos eram aproveitados. Além disso, as turmas eram mescladas, contendo meninas e meninos e a temática trabalhada girava em torno de Esportes e Jogos, com participação não obrigatória pelos alunos.

Dessa forma, através das observações realizadas nesses cenários e do método utilizado entenderemos padrões culturais específicos dos estudantes e interpretaremos seus comportamentos dentro das aulas de Educação Física.

Em suma, acredito que o levantamento dessas percepções pautadas nos comportamentos, na forma de contato entre os alunos, na relação entre os estudantes e a professora observadora, e nas conversas informais que permeia essa relação, possam permitir uma visão mais próxima do contexto que ali socializam, de forma que se torne mais claro como essas influências acontecem.

Dessa forma, a discussão aqui iniciada será pautada na convicção de que através do comportamento desses alunos dentro do ambiente da Educação Física é possível entender mais sobre a cultura, as influências sofridas pela temática social vigente, e também o papel da Educação Física em todo esse contexto

4 RELATANDO OS FATOS SOB O OLHAR DA ESTAGIÁRIA

Inicio dizendo que durante toda minha trajetória enquanto estagiária foi possível perceber, através de minhas observações, diversos aspectos interessantes em ambos os grupos de estudantes.

Lembro-me que logo quando cheguei ao meu primeiro estágio o aspecto que mais me deixou interessada naquele primeiro contato com os alunos foi a dificuldade apresentada por eles quanto a prática de atividades físicas. No geral, a dificuldade era bem visível, até mesmo para atividades simples para a idade como correr e saltar, fato observado durante a primeira aula a que tive acesso. Entretanto, ao decorrer das aulas, comecei a perceber em alguns

estudantes uma dificuldade em participar ativamente das aulas, e não necessariamente por capacidades físicas. (CADERNO DE CAMPO, 2022)

Essa dificuldade existia em mais de um estudante e na grande maioria das turmas. Como um ambiente de socialização e principalmente de utilização do corpo, as aulas de Educação Física eram marcadas pela presença de grupos, majoritariamente divididos por gênero. Dentro desses grupos, era nítido que os meninos geralmente participavam mais e as meninas se mantinham sempre em seus grupos de amizade, mais envergonhadas para participar. Em aulas com momentos livres de brincadeiras, os grupos não se misturavam e quando acontecia era motivo de estranhamento entre os alunos. Já nas aulas aplicadas pela professora, esses mesmos grupos se mantinham, ainda havia estranhamento ao se ter contato com os colegas dos grupos diferentes, mas a aceitação era melhor.

Apesar dessa divisão clara das turmas, as aulas ainda mantinham esse padrão de meninos *versus* meninas quase sempre. Raramente havia mudanças quanto a essas divisões, fato que na minha percepção aumentava ainda mais a situação.

Nesses momentos de aula comecei a perceber que os meninos sempre se sentiam mais livres, mais abertos às atividades e as meninas geralmente, não de forma geral, mas ainda assim bem presente, se inibiam mais. Essa inibição era nítida em aulas utilizando bola, que demandava competição ou até que todos ficassem observando a realização da atividade.

Pensando nesse contexto, atividades que envolvessem competições não eram as mais apropriadas, pois não era raro ter que convencer os alunos a participarem. A explicação girava sempre em torno de vergonha. A inibição e esse sentimento de vergonha aparecia mais comumente em meninas. Devido a todas essas percepções no ambiente das aulas, comecei a buscar as características daqueles que mais se inibiam. No quesito vergonha, majoritariamente eram meninas, acima do peso. Elas eram sempre as que se excluía, não queriam participar tão ativamente, que se colocavam como inferiores e achavam que não eram capazes de realizar as atividades. Acredito que esse grupo, principalmente, seja o mais influenciado pela sociedade, por todo o contexto social e cultural do país, que mede qualidade e capacidade através do corpo que se tem. Isso se torna nítido através da pesquisa da Dove, citada por Carla de Meira Leite, onde no Brasil “mais de 92% das garotas declararam que querem mudar pelo menos um aspecto em suma aparência e a maioria das meninas dizem estar focadas em se tornarem mais magras, altas e esportistas” (LEITE, 2009, p. 54).

Todo esse contexto trazia para as crianças uma divisão muito clara, entre aqueles que eram bons e ruins, e não isoladamente, na maioria das vezes aqueles considerados bons e mais aptos eram os meninos, majoritariamente os magros, altos e atléticos. Dessa forma, crianças

que já se sentiam inferiorizadas pelo seu corpo, tinham seu pensamento reforçado pela própria turma, ou seja, também por crianças. Isso parte do pressuposto que aqueles mais altos, magros e atléticos são sempre os melhores e aqueles que diferem dessas características não se enquadram no grupo, demonstrando a insatisfação com o não alcance do corpo “perfeito” pelos estudantes.

Além disso tudo, durante as aulas, conversando informalmente com as crianças cheguei a escutar debates sobre a temática cabelos. Algumas meninas muito abertamente falavam sobre as curvaturas de seus cabelos, inferiorizando aqueles ondulados, cacheados e crespos. Lembro-me que naquele momento expliquei que existem diversos tipos de cabelos e que todos eram bonitos à sua maneira, que não existia cabelo “ruim”, e sim cabelo com curvatura e textura diferente. Entretanto, naquele momento percebi como essas questões estão enraizadas na nossa sociedade, até mesmo em crianças e como mudar esse pensamento é difícil. Em um país ainda muito racista, perceber nas crianças esses pensamentos é vivenciar o que de fato acontece, e entender que mesmo nas crianças essas crenças do belo *versus* feio é o retrato do que de fato acontece socialmente no nosso meio. (CADERNO DE CAMPO, 2022)

Outro ponto até mesmo chocante para mim, foi durante uma aula que envolvia dança e imitação de animais, um menino me disse que não dançava. Naquele momento, entendi que havia muito mais por trás daquele comentário. A fala da criança trazia grande significado e na minha percepção, um grande contexto familiar envolvido, pautado no papel do homem e da mulher e na sua divisão pré-estabelecida socialmente.

No segundo estágio, outros pontos me chamaram atenção. Nesse ambiente a participação era muito pequena e a grande maioria dos alunos não participavam devido a vestimenta inadequada para a prática. Entretanto, em conversas informais descobri que muitas das vezes a falta de participação dos estudantes se baseava na sensação de incapacidade quanto à prática e a vergonha de errar durante as aulas. Como as aulas eram na temática esportes e muitos dos alunos já conheciam os temas trabalhados, aqueles que não tinham facilidade com a prática se sentiam inibidos e por muitas vezes, desmotivados, mesmo com as aulas utilizando de atividades de iniciação ao esporte, para que todos aqueles sem familiaridade conhecessem de forma gradual.

Outro ponto importante de frisar é que aqueles estudantes que fugiam dos padrões estéticos vigentes e que não tinham “bom desempenho”¹ nas práticas eram os que mais comumente se retiravam das práticas. Além disso, não era incomum ver os estudantes, mesmo em altas temperaturas, com roupas quentes e compridas, imagino que na tentativa de tapar seus corpos.

De forma geral, percebi naquelas estudantes, independentemente de suas idades e contextos introduzidos, o quanto esses ideais sociais e culturais permeiam suas vidas. Ainda que em grupos muito jovens e plurais era perceptível que são vários os contextos que influenciam seus comportamentos, pautados nesses ideais socioculturais de construção do imaginário do corpo e também da função e possibilidade da Educação Física, enquanto disciplina curricular obrigatória. Dessa forma, é inegável que os padrões estéticos somados às idealizações do que é belo e do que é feio influenciam, e muito, no comportamento dentro das aulas de Educação Física.

5 DISCUSSÃO

A análise realizada através da experiência e relato de estágio teve como função entender quais modificações no comportamento dos alunos durante as aulas de Educação Física poderiam ser resultados dos padrões estéticos corporais vigentes e conhecidos social e culturalmente. Esses padrões, como explicitado, é permeado pelo ideal de magreza e branquitude e carregam um grande simbolismo sobre o nosso país.

Por meio das observações realizadas, foi possível perceber que existe um padrão estético que é almejado socialmente, e que ele é fator importante no comportamento dos alunos dentro das aulas de Educação Física. Isso se tornou explícito na forma como os estudantes, majoritariamente as meninas, se comportavam durante as aulas, sendo sempre relacionado à vergonha e ao sentimento de incapacidade, gerado pela forma como os próprios estudantes se viam como pessoas.

Além disso, os comportamentos apresentados se ligam totalmente ao que já se conhece em relação à temática, de forma que o corpo diferente daquilo se é almejado, é colocado em local de contestação (LE BRETON, 2003) e consequentemente é julgado por sua forma física. Esse julgamento, que acontece inclusive pelo próprio indivíduo, faz com que as mudanças aconteçam em seu comportamento e isso foi observado claramente durante as aulas, onde as meninas, por se julgarem incapazes por suas formas físicas se inibiam em participar, mesmo que houvesse a capacidade física pedida para a atividade.

Dessa forma, essa percepção feita pelos próprios alunos somada às características da sociedade que impõe às pessoas, inclusive aos jovens, esses ideais, trazem consequências quanto a percepção dos sujeitos sobre eles mesmos, influenciando no pensamento e na construção que se tem sobre eles.

6 CONCLUSÃO

Desde o início da sociedade o corpo é tratado de interesse por estudiosos por ser por meio dele que podemos entender muito sobre o contexto de um local específico. Essa especificidade é entendida por meio da cultura e do convívio social e é por meio delas que o corpo ganha significado e consequentemente aceitação.

Esse significado atribuído ao corpo ganha notoriedade quando, dentro de um contexto de interação, o corpo passa a desempenhar função de definidor social e por meio dessa tentativa, define aquilo que é considerado aceitável no campo das características físicas.

Apesar das constantes evoluções e modificações nesse cenário, ainda hoje no mundo atual essas características são utilizadas como parâmetro de aceitação. Basicamente, quando se fala do corpo, imprime-se em seu significado condições nas quais o mesmo deve se encaixar em um padrão e isso é o que se usa para definir os padrões estéticos corporais. Esses padrões exercem influências nas pessoas que estão inseridas no mesmo meio social, e essa situação pode gerar mudanças nos comportamentos nesses indivíduos.

No campo da Educação Física, o corpo sofre ainda mais influência desses padrões, justamente por ser local de trato com o mesmo e imprimir em si grandes significados. Entretanto, pensar em Educação Física é entender seu papel como formadora de pessoas e local de entendimento de diferenças e, portanto, não deve desempenhar papel de exclusão.

Apesar do papel da Educação Física, podemos perceber durante a observação que isso não é exatamente o que acontece, já que no ambiente das aulas ainda ocorrem muitas exclusões e dificuldades por parte dos alunos quanto a aceitação e percepção de que aquele espaço é tão dele quanto de todos os outros, e por isso deve ser ativamente utilizado por ele.

Nesse sentido, através da observação realizada no presente estudo, foi notório que dentro das aulas de Educação Física ainda existem muitas influências desses padrões que afetam diretamente o comportamento dos alunos, em específico as meninas, que influenciadas por essas questões se inibem e participam menos das aulas.

Entretanto, apesar desse grupo ser o majoritariamente marcado por essas influências, os meninos também sofrem, de forma diferente, mas ainda assim são influenciados por esses ideais sociais, como aquilo que lhe é aceitável pelo fato de ser do sexo masculino.

De forma geral, é importante destacar que a análise aqui realizada não tinha como objetivo definir de forma concreta as situações que permeiam a existência desses padrões estéticos, nem mesmo as particularidades sociais e culturais vigentes, mas sim trazer uma

percepção de tudo que foi discutido. Entretanto, conseguiu identificar e analisar a influência desses padrões estéticos no contexto das aulas de EF.

Reconhece-se que em busca de sanar as problemáticas da temática dentro da Educação Física é necessário que se pense em uma EF baseado em uma matriz curricular diferenciada, que saia do estritamente biológico e se baseie em um contexto muito maior, englobado pela sociedade e cultura e para além disso, que a Educação Física desempenhe seu importante papel na construção de um local onde os estudantes possam compreender suas capacidades, melhorar sua relação com o próprio corpo, entender sobre pluralidade de corpos, formas e cores, compreender mais sobre o respeito com os colegas e suas especificidades, e ainda a possibilidade de se tornar sujeito crítico quanto a essas questões sociais.

Concluindo, o presente estudo revela aspectos importantes sobre a temática, apresentando respostas às indagações explicitadas, mas deixa em aberto a possibilidade de prosseguimento no trabalho, devido a sua limitação em relação ao contato com os sujeitos, podendo em uma pesquisa futura dar continuidade ao tema, através do questionamento para os próprios sujeitos da ação, neste caso os estudantes, sobre a sua percepção em relação ao assunto. Para além disso, ainda que o presente estudo permeie e anuncie pelas questões de gênero, por não ser objeto direto de estudo não houve profundidade na discussão. Entretanto, é importante caminhar por essa questão em busca de continuidade e aprofundamento no assunto.

7 REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA Virtual em Saúde: **MINISTÉRIO DA SAÚDE**. [S. l.], 5 ago. 2022. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/05-8-dia-nacional-da-saude/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

BRASIL. Decreto-lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. **Casa Civil**: Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, ano 2008, 25 set. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 14 dez. 2022.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais : Ensino Médio: Educação Física/ Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000 p. 198

BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 95 p. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5690006/mod_resource/content/1/A%20Sociologia%20do%20Corpo.pdf. Acesso em: 19 out. 2022.

CASTRO, Juliana Brandão Pinto de *et al.* Alimentação, corpo e subjetividades na Educação Física e na Nutrição: o ranço da adiposidade e a ascensão dos músculos. **Demetra**:

alimentação, nutrição & saúde, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 803-824, 02 ago. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/viewFile/21995/18427>. Acesso em: 28 nov. 2022.

CONTI, MA. Os Aspectos que Compõem o Conceito de Imagem Corporal pela Ótica do Adolescente. **Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Hum.** 2008; 18(3): 240-253

CUNHA, Taynnara. Caderno de Campo Estágios Supervisionados. Florestal:[s.I], 2022.

DAÓLIO, Jocimar. **DA CULTURA DO CORPO**. Campinas, Sp: Papirus, 1995. 101 p. Disponível em: <https://doceru.com/doc/8vex5v>. Acesso em: 01 nov. 2022.

FILHO, Lino Castellani. Educação física no Brasil: A história que não se conta. **Papirus: Coleção Corpo e Motricidade**, Campinas, 1988. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=uU-eXQhmCd0C&oi=fnd&pg=PA11&dq=hist%C3%B3ria+da+educa%C3%A7%C3%A3o+fisica&ots=o9b9zS9LED&sig=XPIQQPYywy8IwjU8S24vRbopwCs#v=onepage&q=hist%C3%B3ria%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20fisica&f=false>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FLOR, Gisele. CORPO, MÍDIA E STATUS SOCIAL: reflexões sobre os padrões de beleza. **Revista Estud. Comun.**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 267-274, dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/view/22317/21415>. Acesso em: 28 nov. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado 15 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. GÊNERO E CORPO NA CULTURA BRASILEIRA. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 65-80, 18 ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/pmBWb93wL9phMvdXSKgHf5q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2022.

GONÇALVES, A. S.; DE AZEVEDO, A. A. A RE-SIGNIFICAÇÃO DO CORPO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, FACE AO ESTEREÓTIPO DE CORPO IDEAL CONSTRUÍDO NA CONTEMPORANEIDADE. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 33-51, 2007. DOI: 10.5216/rpp.v10i2.1083. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/1083>. Acesso em: 15 dez. 2022.

GONÇALVES, Andréia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio de. O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE: A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PODE RESSIGNIFICÁ-LO? **Revista da Educação Física/Uem**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 119-130, 06 mar. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/4322/2924>. Acesso em: 28 nov. 2022.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003. 163 p. Tradução de Marie-Agnês Chauvel; prefácio Maria Isaura Pereira Queiroz. Disponível em: https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2010/03/laplantine_aprender-antropologia.pdf. Acesso em: 25 out. 2022.

LEITE, Carla de Meira. **O universo simbólico da mulher obesa**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.48.2009.tde-30042009-150604. Acesso em: 2022-12-15.

LIMA, Cristina Maria Garcia de *et al.* Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 21-30, jan. 1996. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-11691996000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/R44XpJ9nSdv4R6jGCdXR7qy/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

LIMA, Rubens Rodrigues. PARA COMPREENDER A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados, v. 2, n. 5, p. 149-159, ago. 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/2241/1277>. Acesso em: 29 nov. 2022.

MALDONADO, G. D. R. A Educação Física e o adolescente: a imagem corporal e a estética da transformação na mídia impressa. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2009. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1302>. Acesso em: 15 dez. 2022.

REMEMORAÇÃO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/rememoracao/>>. Acesso em: 29/11/2022.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, v. 5, n. 6, p. 80-90, jun. 2005. Disponível em: <https://portalidea.com.br/cursos/aa146765e8f25e275862fae1df23b4d9.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SOUSA, Andressa Alves de. **Padrões estéticos hegemônicos, mídia, doenças da beleza e psicologia clínica na sociedade brasileira contemporânea**. 2021. 93 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Ciência da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/15842/1/21703961.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2022

TAVARES, M.C.C. (2003). Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento. São Paulo: Manole.

VERENGUER, Rita Cássia Garcia – Educação Física Escolar: Considerações sobre a formação profissional do professor e o conteúdo do componente curricular no 2º grau - Revista Paulista Educação Física, São Paulo, 9 (1) : 69- 74 jan/jun 1995